

AS SOMBRAS DA REALIDADE FUTURA [CRISTO]



"[16] Portanto, não deixem que ninguém os condene pelo que comem ou bebem, ou por não celebrarem certos dias santos, as cerimônias da lua nova ou os sábados. [17] Pois essas coisas são apenas *sombras da realidade futura*, e o próprio Cristo é essa realidade." (Colossenses 2.16-17 – Nova Versão Transformadora)

Na passagem bíblica acima, Paulo formula uma “carta de alforria cristã” contra o legalismo¹. Ele exorta os cristãos relativamente novos a

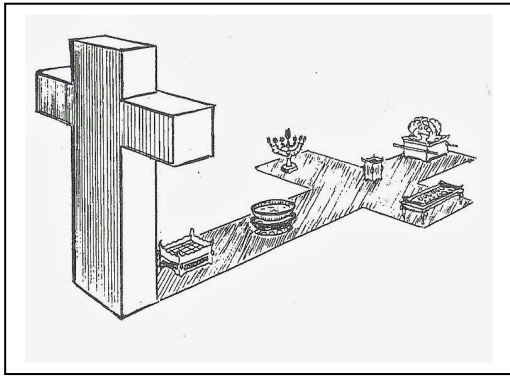
continuar na verdade de Cristo que receberam, mediante os ensinamentos apostólicos. O apóstolo adverte os cristãos em Colossos contra quaisquer influências religiosas externas, que buscam fazer da vida cristã um mero conjunto de regras. Ele enfatiza que regras e regulamentos religiosos não servem para nada. A intenção de Paulo é corrigir as falsas doutrinas dos judaizantes, por um lado, e a dos filósofos gregos, por outro, e também as doutrinas resultantes do meio-termo entre eles. Para o apóstolo Paulo, Cristo – e não uma doutrina, nem um mandamento – é a base de nossa esperança.

Na Igreja em Colossos havia grupos religiosos que, insistentemente, desejavam regular a vida cristã com regras sobre exterioridades. Judeus convertidos acusavam os demais cristãos de serem imperfeitos e inferiores por não guardarem ordenanças judaicas, que tinham ganhado atenção indevida na literatura judaica intertestamentária². Diante disso, não há como deixarmos de perceber que algo bastante semelhante ocorre nos dias atuais. Em muitas igrejas consideradas cristãs, encontramos seduções religiosas de todo tipo. O mesmo ocorre com algumas literaturas consideradas “evangélicas”.

No caso específico dos colossenses, o apóstolo Paulo declara que as leis alimentares e os dias sagrados – que estavam relacionados com o templo, com os sacrifícios, com a vida religiosa do povo de Deus em geral – apontavam para Cristo que, com sua morte e ressurreição, eliminou para sempre a necessidade de se viver de acordo com as regras abraçadas pelo povo judeu. Com seu sacrifício na Cruz, o Senhor Jesus passou a ser, Ele próprio, o “aferidor de medida” para a conduta diária de todo aquele que nEle crê.

¹ **Legalismo.** Observância rigorosa das leis, sem questionamentos e sem opções de mudanças nas mesmas. O teólogo Moisés Almeida, em seu artigo "O Legalismo – Escravidão Religioso", define o termo como "*todo o sistema, regras, expectativas ou regulamentos que condiciona a salvação ao esforço humano de agradar a Deus, como uma recompensa por desempenho. O Legalismo é o meio humano de tentar através da obediência de regras de homens, ser aceito e amado por Deus, anulando a Graça misericordiosa*".

² PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. 385 p.



Para o autor da Epístola aos hebreus – que serve como comentário para muitos ensinamentos do apóstolo Paulo aos colossenses –, “a lei [entregue ao povo de Israel] constitui apenas uma sombra, um vislumbre das coisas boas [promessas] por vir, mas não as coisas boas [promessas] em si mesmas” (Hebreus 10.1 – NVT). A vinda do Senhor Jesus Cristo representa o cumprimento e a consumação de todas as promessas que Deus havia

feito antes dEle. Sendo assim, todos os eventos, rituais, tradições, cerimônias, símbolos e instituições no Antigo Testamento atuavam como “sombra” de uma realidade que haveria de vir. Eram representações exteriores e pedagógicas da realidade espiritual (cf. Marcos 7.18-19; Hebreus 8.5; 10.1)

Olhar para eles nos dias atuais significa preferir a sombra à essência que é o próprio Cristo.

Hoje em dia, qualquer regra acerca de alimentos, festivais religiosos ou campanhas espirituais de fé, como exigências para o crescimento cristão, deve estar sujeito à mesma crítica severa de Paulo. Infelizmente, em nossos dias, há cristãos no meio evangélico que correm atrás de tudo o que é de Israel – coisas como *shofar*, candelabro, guardar o sábado e outros elementos do contexto judaico. Há igrejas que comemoram todas as festas judaicas, como se isso representasse uma grande espiritualidade. Mas todas essas coisas são somente sombras de uma realidade infinitamente superior: Cristo. A realidade chegou. Não precisamos mais das sombras.

No texto bíblico escrito pelo apóstolo Paulo, para o termo “sombra”, é utilizado o vocábulo grego σκιά (*skiá*), que significa “imagem projetada por um objeto e representando a forma daquele objeto”³. A sombra nos fornece o contorno de uma pessoa. Por meio dela é possível observarmos a silhueta de alguém. Mas não somos capazes de saber a cor dos olhos, o tipo de vestuário, a faixa etária etc. A sombra nos transmite a ideia, mas não os detalhes sobre a fisionomia de um indivíduo. Porém, ao ficarmos diante de uma pessoa, face a face com ela, nos tornamos capazes de perceber os detalhes do rosto, o tipo de roupa que ela veste, a sua idade estimada etc. Uma vez que isso acontece, a sombra perde o seu valor primário, uma vez que, o corpo que produzia a sombra, está diante de nós. O Antigo Testamento pode ser visto, então, como a sombra, a silhueta de Cristo se aproximando de nós. Quando Jesus estava chegando, a sombra dele se projetava no Antigo Testamento. No entanto, com a encarnação do Verbo, a sombra já não era mais necessária, pois Ele já podia ser visto frente a frente. A realidade prenunciada pelas sombras se tornara supérflua, desnecessária. Jamais devemos buscar nos textos veterotestamentários doutrinas para a Igreja, pois elas nunca aparecem em realidade e clareza no Antigo Testamento. Se fizermos isso, nos tornaremos “escravos de sombras”. As doutrinas para a Igreja nós encontramos nas epístolas apostólicas.

³ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

É importante atentarmos para o fato de que o Antigo Testamento representa a antiga aliança de Deus com Israel, feita no monte Sinai, que já não estamos obrigados a guardar. A menos que uma lei do Antigo Testamento seja de alguma forma reformulada ou reforçada no Novo Testamento, já não é diretamente obrigatória para o povo de Deus (cf. Romanos 6.14-15). Parte do Antigo Testamento – os princípios morais – é renovada no Novo Testamento. Há leis do Antigo Testamento que ainda se aplicam a nós (leis morais). As demais leis (leis civis israelitas e leis cerimoniais israelitas) eram restritas ao povo de Israel. Com o sacrifício de Jesus, de uma vez para sempre, elas se tornaram imediatamente obsoletas. Portanto, **a totalidade da lei do Antigo Testamento ainda é a Palavra de Deus para nós, mesmo que ainda não continue a ser o mandamento de Deus para nós.** Somente aquilo que é explicitamente renovado da lei do Antigo Testamento pode ser considerado parte da “lei de Cristo” [leis morais + princípios de Cristo] no Novo Testamento (cf. Gálatas 6.2).⁴

Na Igreja em Colossos os judeus convertidos se concentravam na manutenção dos regulamentos em torno do “comer” e do “beber”, e dos “dias de festa [celebrações anuais], ou de lua nova [observância mensal usada para saudar cada novo mês], ou de sábados [observância semanal]”⁵ (v. 16). Tais preocupações se mostram evidentes na *Carta de Arístes*⁶, onde está escrito: “*Deus nos [os judeus] resguardou por todos os lados por meio de regras de pureza, o que afeta de igual modo o que comemos, bebemos, tocamos, ouvimos ou vemos*”⁷; e nos festivais prescritos na Lei, aos quais todo israelita deveria obedecer (cf. 1Crônicas 23.31; 2Crônicas 2.4; 31.3; Neemias 10.33; Isaías 1.13,14; Ezequiel 45.17; Oséias 2.11). No entanto, os preceitos e doutrinas relativos aos alimentos e às festividades solenes, pelos quais os judeus eram extremamente zelosos, há muito tempo deixaram de ser o meio para um fim e se tornaram um fim em si mesmas. Se tornaram em sutilezas vazias baseadas em tradições humanas. Mesmo no período do Antigo Testamento Deus já havia rejeitado tais ações. Por meio do profeta Isaías Ele declarou: “*Parem de trazer ofertas inúteis; o incenso que oferecem me dá náusea! Suas festas de lua nova, seus sábados e seus dias especiais de jejum são pecaminosos e falsos; não aguento mais suas reuniões solenes! Odeio suas festas de lua nova e celebrações anuais; são um peso para mim, não as suporto!*” (Isaías 1.13-14 – NVT).

A realidade vivida por Isaías era a mesma experimentada pelo apóstolo Paulo: os judeus convertidos haviam transformado os festivais ao Senhor Deus em atividades idólatras. Assim como

⁴ FEE, Gordon Donald; STUART, Douglas. *Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Trad. Gordon Chown e Jonas Madureira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. 199-202 p.

⁵ KEENER, Craig S.; STUART, Douglas. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 596 p.

⁶ A **Carta de Arístes**, ou **Carta a Filócrates** é uma obra helenística do século II a.C., incluída entre os livros apócrifos, e narra, sob a forma de carta, a lendária história das origens da elaboração da Septuaginta, tradução em grego dos livros da Bíblia hebraica.

⁷ Carta de Arístes, 142.

Israel foi idólatra no passado, outra vez os crentes judeus professos estavam propagando a confiança em objetos idólatras. A idolatria se faz presente no momento em que Deus é **honrado com os lábios, mas o coração do adorador está longe de dEle**; e a adoração que é prestada a Deus não passa de regras ensinadas por homens (cf. Isaías 29.13). Um ídolo, em essência, é qualquer coisa adorada no lugar do verdadeiro Deus. A idolatria pode ser expressa de muitas maneiras, não apenas pelo ato de se curvar a uma estátua literal. Quando dizemos que prestamos um culto a Deus, mas o que de fato acontece é o “destronamento” de Deus e a entronização dos “deuses” da cura, da prosperidade financeira, do sucesso pessoal, dos relacionamentos bem-sucedidos e das quebras de maldições, não somos verdadeiramente adoradores de Deus – que adoram apenas o Pai (cf. João 4.23). Somos adoradores de ídolos. Não os ídolos de pedra ou de madeira, mas os ídolos das tradições humanas, ídolos estabelecidos pela religiosidade hodierna.

Os legalistas baseiam sua salvação em si mesmos e no que fazem – especialmente no comportamento religioso – em vez de confiar em Cristo. A base para resistir ao legalismo está em enfocar o relacionamento do fiel com Cristo. Os cristãos não são mais prisioneiros das tradições religiosas ou de imposições humanas. Eles são, isso sim, cativos de Cristo. Em vista dessa identificação privilegiada com Cristo, a Igreja precisa entender que sua grande responsabilidade é *“pensar nas coisas que são do alto”* (cf. Colossenses 3.2).